

Elementos da "África Livre" entregam-se às F. P. L. M.

Cinco indivíduos, que ocupavam posições importantes na autodenominada «Resistência Nacional Moçambicana», foram há dias apresentados à Informação, em Maputo, depois de fugirem daquele bando contra-revolucionário, tendo-se entregue às Forças de Defesa e Segurança do País. Trata-se de António Joaquim Caliche, de 21 anos de idade, que se ocupava do treino militar dos grupos contra-revolucionários; Henrique Fabião Sitói, 28 anos, activista «político»; Orlando Júlio Inácio, de 28 anos, que comandava um número variável de homens designado por «batalhão»; José Martins Gilberto, 27 anos, operador de rádio; e Piero Constantino Perino, 24 anos, encarregado de todo o material de guerra.

Nas declarações que nos prestaram, eles falaram sobre a origem e natureza da auto-intitulada «Resistência», também chamada «África Livre»: Grupos compostos, na sua maior parte, por antigos «Pides» e outros inimigos do Povo, inspirados e criados, após a Independência do nosso País, pelo regime ilegal da então Rodésia do Sul. Frisaram igualmente que, após a independência do Zimbabwe os grupos contra-revolucionários passaram a receber apoio material, logístico e moral directamente da República sul-africana.

Recorde-se que, há precisamente um ano, as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) realizaram a operação denominada «Leopardo» para desalojar grupos armados que praticavam vários crimes na Província de Manica. O seu acampamento principal, na área de Mossurize, foi destruído e, embora se registre ainda a acção dispersa de alguns elementos, a desagregação desses grupos é um facto que estas fugas vêm confirmar.

Estes cinco jovens estavam na «África Livre» contra a sua vontade, segundo as suas próprias palavras. Três encontravam-se no campo de reeducação de Sacuze, Província de Sofala, donde foram raptados, em 1979, por um grupo atacante, vindo da Rodésia. Os restantes dois tinham violado a fronteira, em 1978, com destino a este território, tendo acabado por ser presos pela polícia do regime de Ian Smith e encaminhados para um campo de treino dos contra-revolucionários.

A ausência de objectivos claros e de uma linha política definida é a razão invocada para justificar a sua atitude,

a qual foi tomada e executada conjuntamente pelos cinco. *Começámos a ver que afinal de contas a chamada Resistência não tinha nenhuma ideologia, nem sabemos por que é que lutávamos, por isso, decidimos fugir.*

Eles confirmam igualmente os métodos de intimidação e terror que tais grupos utilizam contra a população, a colaboração de antigos régulos e o obscurantismo praticado em larga escala. «Eles assaltam cantinas, destroem machambas e outros bens do Povo e assassinam populares que se recusem a apoiá-los», afirmam. Contudo, ainda segundo os nossos entrevistados, apesar do apoio exterior à «África Livre», que continua, das ameaças e intimidações, vários indivíduos têm abandonado o bando e outros cujos nomes mencionaram querem fugir. *Só aqueles que se sentem comprometidos com o líder dos contra-revolucionários por laços de parentesco ou amiguismo, talvez lá fiquem.* Se mais o não fizeram — acrescentam — é, muitas vezes, pelo receio de enfrentarem a justiça revolucionária.

António, Henrique, Orlando, José e Piero declararam-se satisfeitos pelo tratamento que têm recebido das Forças de Defesa e Segurança, e manifestaram-se surpreendidos por encontrar tal compreensão por parte das autoridades. Finalmente confirmaram-nos que gostariam de poder contribuir no futuro para encorajar outros indivíduos da chamada «Resistência», a fugirem e entregarem-se.